

Tone
Škrjanec
**Seleção
de poesia**

*Traduzido por
Mateja Rozman com colaboração de Américo Meira*



LITTERÆ
SLOVENICÆ

Slovenian Literary Magazine

Tone Škrjanec: Seleção de poesia
Original title: Izbor pesmi iz zbirki "Koža" in "Nekaj o nas živalih"

© *Tone Škrjanec and LUD Literatura 2006, LUD Šerpa 2020*

Translation
Mateja Rozman, Américo Meira

Proofreading
Américo Meira

Design
Jakob Bekš for Studio Signum d. o. o.

Layout
Ulčakar grafika d. o. o.

Foreign rights
LUD Literatura Publishing, ludliteratura@yahoo.com, info@ludliteratura.si
LUD Šerpa Publishing, ludaserpa@gmail.com

Published by Slovene Writers' Association, Ljubljana
Dušan Merc, President

Ljubljana 2021

<https://litteraeslovenicae.si/>

sobre a efemeridade

dor, sofrimento, sinto morte.
um quarto cheio dos corpos brandos, quentes.
riem-se nus, põem as mãos no caviar
e contemplam picos nevados de montanhas
que brilham ao sol numa passagem lenta.
estou sentado ao lado da janela à espera da neve. não vem.
vem a noite mais cedo à tarde.
um lago calmo imóvel como um pudim,
sobre ele alguns patinhos pretos com bicos brancos.
de certo modo tudo é de prata, de um peso leve, frio
e rápido. passam alguns minutos da meia-noite.
todos os que passam por mim tocam-me.

Pele, Lud Literatura, 2006

pó

eram uns sonhos medíocres.
havia duas ondas longas que assim
dividiam um lago.
havia um pouco de noite, havia um silêncio total,
aliás, estava tudo fechado,
nenhum problema,
estávamos todos saudáveis, nenhum cancro,
ou semelhantes dificuldades mortais,
só um foder comum e nada de quem gosta de quem,
quem meteu o quê e onde
era belo de verdade, o lago era longo, liso,
em todo o lado umas luzes pequenas coloridas,
havia dois pombos grisalhos, um bando de patos, eram pretos
com os bicos brancos. na nossa varanda um bando de chapins,
5 a dez farfalhudos gramas. o corpo doí-me.
não digo nada, não vou falar,
a minha paz é um silêncio de culpado, lá fora há escuridão,
está frio e a quem importa, importa-me a mim,
não sou indiferente, sinto dor nos músculos,
o corpo conta-me algo,
uma velha história que todos conhecem,
eu também, pelo menos pressinto-a
num nível ligeiramente metafísico.

para mim nada é verdadeiro, o corpo é aquilo que entrego,
não tenho vontade de ser seja o que for.
sinto terror. Estou sentado no carro e sinto terror,
e há um silêncio completo talvez por isso,
ouve-se só o motor da máquina e a respiração.
para mim muito não significa suficiente. para mim há muitos
[gigantes vaidosos
só uma débil versão árabe dum passeio de sábado,
às vezes ser pequeno significa muito para mim
que sou para sempre infinitamente pequeno,
dói-me quando os meus próximos pensam
que domino a eletricidade, todas essas ligações insignificantes,
que estar sentado em silêncio a ouvir não é afirmação
e que gosto de pensar, fico calado, que as vaidades diárias são inatas,
e que são só uma obsessão engraçada
que o pó nos objetos é uma coisa séria que não perdoa,
que o mundo é no dia a dia sempre uma invenção mais tola
e infelizmente não é só isso tudo junto que é de passagem,
alguns camelos, alguns animais muito pequenos
uma observação pequena, alguns camelos, alguns minúsculos animais,
uma perceção quase sem sentido de algo que nunca foi de verdade
eu sou aquele que estava num túmulo na última vez
e foi naquele túmulo de há anos que algures
em mim dizia estupidezes:
olha, olha o que está a acontecer e não aconteceu nada
só nós estávamos a morrer aos poucos
estávamos ali parados e o mundo não esperava, só estava algures
como uma eternidade fodida que sabe tudo, que compreende tudo
e na realidade não está nada claro. lá fora está frio e neve
e desejo estar feliz mas não consigo,

há sempre algo pelo meio, acontece sempre alguma coisa,
[sempre estas estruturas
embora sejamos sempre belos, temos sempre o nosso corpo nu
que brilha como uma estrela.
sempre belo como uma estrela.
e não quero ir para casa.

Pele, Lud Literatura, 2006

Ameba

esqueci-me um pouco mas agora sei.
foi dito. sou ameba. envolvida
por adjetivos. um ar um pouco mais denso. rio-me.
sempre sem necessidade, sempre quando é
um erro. o meu riso é veneno. às vezes
escrevo poemas. ouço como ressonas e
sinto um cheiro penetrante de aguardente
que está a vaziar numa garrafa aberta. sobretudo
nas pernas sinto um palpitar de nervos, isso é
como uma espécie de doença. isso e este escrever
de poesia, mas nem sempre, a noite é negra e silenciosa.
o silêncio está bem. como se lesse poesia. sinto-a
quando me impregna o corpo. às vezes percebo-a.
na totalidade e em geral. cego-me a mim
próprio que às vezes percebo mais, às vezes lembro-me
de alguma palavra. as relações confundem-me. não as
distingo nem percebo. procuro-as em listas diferentes.
tudo é demasiado superficial
e não percebo. as carícias
tornam-se soltas e distantes.
a solidão tem cor de laranja e as unhas vermelhas e compridas. mas isso
é de novo só uma imagem numa igreja semiarruinada
em frente dela um campo coberto de vegetação
cheio de pequenos anjos brancos.

às vezes não estou. às vezes sou sombra.
só um ar um pouco mais denso.
e sempre um pouco de menos domesticado.
agora percebo abri um pouco de mais os olhos
quando estava a empilhar as pedras.

Um à moda antiga: cheiro a patchuli

algumas palavras são magia pura
já por elas próprias.
a minha janela oferece-me a vista
para as árvores motivadas eroticamente.
há dias vi a primeira abelha deste ano.
não vai ser fácil para ela. Ainda é cedo,
as circunstâncias para ela não são favoráveis.
ela não é como um humano que é como um cavalo
e tudo aguenta até partir a corda
e há só uma pradaria sem fim pelo menos
até ao horizonte. caramba. e depois só o céu
e mais tarde quando tudo se acalma um pouco
como se fosse só pó, mais alguns
tolos e desacertados artigos sobre a problemática
dos seres em liberdade.
e depois o livro também se torna arma,
mas digamos uma liberdade sexual desenfreada
com uma vista assombrosa de uma floresta de abetos,
e além numa travessia que está aqui connosco.
aqui dentro de mim jaz um novelo enredado, respira regular.
olharia só como lá fora relampeja
e poderia encontrar-se mais.

Algo sobre nós como animais, LUD Šerpa, 2020

Algo sobre nós como animais

sei
que ainda é longe
mas vamos
devagar
gostava de ver
as árvores
no caminho

Algo sobre nós como animais, LUD Šerpa, 2020

This collection has been published continuously
since May 1963
(between 1963 and 1990, under the title of *Le Livre Slovène*;
since 1991, under the title of *Litteræ Slovenicæ*).

Contact of the publisher

Slovene Writers' Association (DSP)

Tomšičeva 12, SI-1000 Ljubljana

Phone: +386 1 251 41 44

Email: dsp@drustvo-dsp.si

Website: <https://litteraeslovenicae.si/>



**SLOVENIAN
BOOK
AGENCY**

This book was published with the financial support
of the Slovenian Book Agency.



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union

This project has been funded with support
from the European Commission.

This publication reflects the views only of the author,
and the Commission cannot be held responsible for any use
which may be made of the information contained therein.

Without written permission of the publisher any form
of reproduction or other use, in full or in part,
of this copyrighted work, including photocopying, printing,
or storage in electronic form, is strictly prohibited.



<https://litteraeslovenicae.si/>